

# A ILHA

Daniel Manzoni-de-Almeida<sup>1</sup>

## Resumo

Em 2018, publiquei o livro de ficção experimental “SetList”. Aqui continuou expandido a experimentação literária iniciada no romance com a escrita de mais um trecho (final?) da história. A identidade de um sujeito é um arquivo? A partir dessa pergunta escrevi uma pequena peça teatral que conta a história de Vicente um jovem homossexual que está intrigado com a morte do ex namorado ocorrida três anos atrás. O detalhe é que seu ex namorado foi irmão do candidato à reeleição da presidência da República do Brasil pelo partido ultraconservador comandado pela autoritária matriarca da família que é capaz de tudo, por meio de jogos de mídia e notícias falsas, para manter a família no poder político da nação brasileira.

**Palavras-chaves:** peça de teatro LGBTI+; literatura LGBT+; sexualidades dissidentes

## Abstract

In 2018, I published the experimental fiction book “SetList”. Here continued the literary experimentation begun in the novel with the writing of another (final?) passage of history. Is the identity of a subject a file? From this question I wrote a small play that tells the story of Vicente a young homosexual who is intrigued by the death of the ex-boyfriend three years ago. The detail is that his ex-boyfriend was brother of the candidate for re-election of the presidency of the Republic of Brazil by the ultraconservative party commanded by the authoritarian matriarch of the family who is capable of everything, through media games and false news, to keep the family in power of the Brazilian nation.

**Keywords:** LGBTI+ play; LGBT+ literature; dissident sexualities

## ATO ÚNICO

**CENA 1.** *Três anos antes. Sala de estar do apartamento, de classe média, de Vicente. A campanha toca desesperadamente. Vicente, já em cena, abre a porta. Bruno entra aos prantos.*

VICENTE: Você disse que viria para cá, mas não pensei que seria tão rápido dessa maneira...

BRUNO: O pior vai acontecer, Vicente!

VICENTE: Bruno, tudo está um caos, eu sei. As mídias não falam de outra coisa nos últimos dias e seu irmão enlouqueceu de vez na campanha para presidência da República.

BRUNO: Eu não estava aguentando ficar em casa. Tive uma briga horrível com o Lorenzo e com minha avó há pouco. Minha avó já me ameaçou hoje se eu falar sobre algo para alguém. De um lado eles me pressionam, de outro é você, e ainda tem eu mesmo que me pressiono. Não sei até consigo seguir sendo isso que eu sou sem explodir. *(Pausa, volta raivoso)* você nunca entenderia o porquê

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Teoria e História Literária, Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É professor, pesquisador e escritor.



estou assim verdadeiramente, nunca!

VICENTE (*sem entender*): E por que eu não entenderia? Estamos juntos há dois anos. Namoramos escondidos da sua família por um longo tempo, eu sei. Covardia, medo nosso, claro. Mas, recentemente você enfrentou os medos e se assumiu para sua família, você contou para sua família sobre nós. O que ainda falta enfrentar?

BRUNO: Você sabe que não está sendo fácil para nós, Vicente. Minha família não nos aceita. Contar sobre minha sexualidade, sobre nós não foi muito fácil. Eles não aceitaram até agora.

VICENTE: Que se exploda a sua avó Eglantina e o seu irmão Lorenzo, Bruno! São dois corruptos que vivem há anos de falcatuas na política brasileira. Você é um homem independente! Financeiramente, alias! (*Persuasivo. Como se sussurrando*) Todo a fortuna que sua família tem uma parte, uma parte bem boa, é sua de direito. A Eglantina e o Lorenzo não podem negar isso a você, entende. Podemos ganhar o mundo juntos.

BRUNO (*ansiedade*): Vicente você não conhece nem dez por cento do que é ter uma avó como a Eglantina Ferro e um irmão como o Lorenzo. Você não entende o que é o peso do sobrenome Ferro nesses país, o que isso representa, o que eles são capazes de fazer para se manterem no poder. Estão há 21 anos mandando e desmandando em Brasília. Sabe o que eu escuto o dia todo? Que eu vim para sujar o nome da família. É isso que escuto do meu irmão, da avó todos os dias. Que se ele não ganhar a presidência da república é porque eu sujo o nome da família com a minha sexualidade. Eglantina não hesita em me dizer isso.

VICENTE: Só porque você é homossexual? Porque nós temos um relacionamento? Em que século sua família vive, Bruno?

BRUNO (*choroso, desespero*): Não é apenas isso, Vicente. Há mais coisas além disso. Coisas mais complexas que você não entende. Que você também não aceitaria.

VICENTE: O que eu não aceitaria, Bruno? Eu estou com você todos os momentos. Estive com você desde o início, enfrentando tudo e todos.

*Silêncio entre os dois.*

BRUNO: Eu amo você, jamais esqueça disso. Aconteça o que acontecer nos próximos tempos eu serei eternamente grato por ter encontrado com você na vida.

VICENTE: Não estou entendendo, meu amor...

BRUNO: Ninguém vai entender. Eu estou agradecendo porque você foi a pessoa que mais amei no mundo e não quero que nada fique de vazio ou não dito entre nós. Há coisas inexplicáveis na vida e que só o tempo vai ser capaz de aliviar fazer por nós.

VICENTE: O tempo sempre foi a nosso favor, meu amor. Veja o passado e veja agora o que já passamos para estarmos juntos...

*Bruno atira-se desesperadamente aos prantos nos braços de Vicente.*



VICENTE: Se abre comigo, meu amor. Eu serei a pessoa que estará contigo, sempre. O que está acontecendo?

BRUNO: Eu não posso, Vicente. Eu não posso falar sobre o que está acontecendo, me perdoa. Eu só preciso do seu perdão.

VICENTE: Perdoa você do que? Eu preciso saber, Bruno...

BRUNO: Eu não posso falar... você não entenderia... (*solta-se dos braços de Vicente com violência e tenta recompor-se*). Eu preciso ir.

VICENTE: Nos vemos amanhã? Jantamos juntos?

*Bruno hesita e olha para trás antes de sair.*

**CENA 2.** *Tempo presente, três anos depois. Escritório de Fabrício. Um aparelho celular sobre a mesa. Barulho de chegada de uma mensagem instantânea.*

**AÚDIO DO CELULAR** (*voz de indignação*): Acabei de receber um vídeo devastador que mostra que os cientistas descobriram que o gene da homossexualidade é transmitido por um vírus que mulheres grávidas contraem! Transmitido por um mosquito que o governo passado não cuidou de exterminar das nossas cidades. Todos nós, todas nós mulheres de família de bem, estamos expostos a esse mosquito. Deve ser um plano do governo para destruir a família, as pessoas de bem desse país, nossas criancinhas! Atenção pessoal, atenção! Isso é sério. Ou tomamos de uma vez por todas as direções desse país ou a família, as nossas crianças serão contaminadas pelo vírus gay. Isolamento dos homossexuais uma ilha para evitar mais contaminações! Quarentena gay, já! Salvem nossas criancinhas! (*o áudio termina*).

*Batidas na porta do escritório. Fabrício abre e Vicente entra como uma bala. Está nitidamente nervoso, assustado.*

**FABRÍCIO** (*Irônico*): Quando eu achei que você estava aproveitando suas férias em Roma você me ligou dizendo que já estava em São Paulo e desesperado para falar comigo. Confesso que estou assustado contigo, meu amigo.

**VICENTE** (*nervoso, assustado*): Eu também e muito. Não teria adiantado a minha volta de férias de Roma se não tivesse acontecido algo fantasmagórico que até agora não me fez pregar os olhos: preciso muito da sua ajuda comigo... e também como profissional neste momento. Eu poderia procurar qualquer advogado, mas preciso de alguém que tenho confiança, um amigo antes de mais nada, sabe?

**FABRÍCIO**: O que houve em Roma, Vicente?

*Vicente pausa. Confere se a porta do escritório está trancada. Olha pela janela. Está transtornado.*

**VICENTE**: Você me conhece há quantos anos, Fabrício?

**FABRÍCIO**: Vixe, anos! Fomos colegas de escola, desde a adolescência. Vinte, vinte e cinco anos?

Isso tudo.

VICENTE: Eu nunca delirei, certo? Você se lembra de algum momento que eu poderia ter apresentado algo como um delírio ou próximo disso? Pergunto e quero uma resposta sincera, Fabrício: em algum momento você desconfiou que eu não fosse uma pessoa normal?

FABRÍCIO: Que me lembre não, Vicente. (*curioso*) Mas por que isso agora?

VICENTE (*ansioso*): Preciso que você me dê certeza que nunca passei dos limites da normalidade...

FABRÍCIO: Estou dizendo que não me lembro, nunca passou isso pela minha cabeça em relação a você... por que isso agora?

VICENTE: O que tenho para contar é algo muito esquisito e que tem me feito duvidar do meu próprio juízo normal. (*Pausa*) você lembra do meu ex namorado, o Bruno, família Ferro (*Pausa. Receoso. Fala baixo*) irmão do nosso presidente da república, o Lorenzo Ferro, certo?

FABRÍCIO (*sorrindo, irônico*): Como esquecer, Vicente? Você foi namorado do irmão do atual presidente da república! Bruno Ferro, o herdeiro do império da italianíssima família Ferro, irmão do Lorenzo Ferro! (*Vicente pede que Fabrício fale baixo. Ele diminui o tom da empolgação*). Acompanhei muito de perto o seu relacionamento conturbado com ele. A família Ferro não podia nem saber que o Bruno era gay, imagine agora. Fazem parte do partido ultraconservador! Vocês namoravam escondido aí um dia a avó dele parece que descobriu tudo e foi um deus nos acuda. E aquela história maluca de ilha para gays do irmão dele ainda persiste, agora na campanha de reeleição! O povo vai cair novamente nessas baboseiras que ele solta nas mídias. (*pausa*) mas aí aconteceu aquela tragédia...

VICENTE (*triste*): Sim, a tragédia...

FABRÍCIO (*puxando pela memória*): Isso já faz três anos... três anos que vivemos sob o sol de Lorenzo Ferro e seu clã.

VICENTE: E você sabe que eu jamais superei a ausência dele, Fabrício. Não teve um dia nos últimos três anos que eu não deixo de pensar nele, no último olhar que vi dele naquela nossa última conversa.

FABRÍCIO: O relacionamento de vocês era muito intenso, vocês viveram coisas muito especiais e é natural que você não consiga esquecer ele mesmo depois de tantos anos pós a morte. Ainda mais agora: o irmão é presidente da república. Imagino que na sua cabeça cada vez que vê algo sobre Lorenzo o Bruno venha automaticamente na mente. São até fisicamente parecidos! É impressionante a semelhança! Pensando bem, as vezes parece que vejo o Bruno falando no lugar de Lorenzo, viu. Mas pelo que lembro do Bruno ele não falaria nem metade das bobagens que o Lorenzo fala.

VICENTE: Está aí a questão toda.

FABRÍCIO: Eu lembro bem que a morte do Bruno chocou todo mundo, o país todo, a imprensa fez uma cobertura enorme, uma comoção do país todo. E a morte do Bruno foi o que ajudou o irmão se eleger. A Eglantina Ferro, a avó poderosa dos dois, soube usar muito bem a morte do neto para eleger o outro. Manipularam a comoção nacional para ganhar voto! História macabra. O Bruno estava depri-



mido foi até o Guarujá, no litoral, pega a luxuosa lancha da família que estava atracada na marina e sai pilotando mar a dentro, sem rumo. Aí veio uma tempestade e ele desaparece. Só acharam a lancha. Dias e mais dias de busca. Semanas depois acharam o corpo em avançado estado de decomposição, irreconhecível, na praia de uma ilha deserta. Eu lembro que você desabou neste momento. Aí o irmão se aproveita da situação, foi para mídia no meio da campanha presidencial, acusou a oposição de conspiração! Imediatamente ele subiu nas pesquisas e já sabemos a merda toda que deu: eleito presidente da República!

*Silêncio entre os dois.*

FABRÍCIO (*continuando*): E depois, o mais triste foi a família Ferro impedir você ir ao funeral do seu namorado. Eles insistiram em não reconhecer você como o namorado dele. Abafaram qualquer notícia relaciona na imprensa. Imagina uma notícia que dentro da família Ferro tinha um gay? O irmão do macho Lorenzo Ferro! O defensor da família tradicional! O moralmente honesto! Como Lorenzo iria conseguir levar a diante toda credibilidade com parte conservadora da sociedade, que estava ganhando mais e mais votos, essa situação toda. Anos levando a frente a ideia da masculinidade, apoiando as campanhas de outros políticos homofobicos. A velha lá, a matriarca, a Eglantina, a chefe da quadrilha toda, não é? Que odiava você. Iria ter um troço. (*Silêncio*) E nó sabemos do negócio que você aceitou com ela, não é mesmo? Uma boa quantia em dinheiro para ficar de bico calado diante da imprensa nacional e do mundo sobre a vida íntima de vocês.

VICENTE (*desesperado, arrependido*): Você não tem ideia de como eu me arrependo até hoje de ter recebido esse dinheiro da Eglantina.

FABRÍCIO: Você estava sensibilizado, não conseguia nem dar conta das próprias emoções quem daria enfrentar toda a imprensa sobre a questão, dar explicações sobre o relacionamento de vocês. Mas o que há de estranho depois desses anos? A imprensa descobriu algo?

VICENTE (*fica silencioso por alguns instantes*): Eu acho que o Bruno está vivo.

*Silêncio.*

FABRÍCIO (*incrédulo*): Como assim vivo?

VICENTE: Eu estava em Roma, no exato momento que eu visitava a Fontana de Trevi, no meio daquele monte de turistas quando um rapaz, um jovem rapaz, loiro, muito bonito, francês me abordou do nada e me perguntou (*pausa*). “Você é Vicente Alencar? O ex namorado do Bruno Ferro no Brasil?” Eu fiquei sem entender por minutos, achei que era dificuldade minha de entender a língua. Perguntei novamente e ele confirmou dizendo mais: “Eu sei quem é você. Eu sei de toda história, sei o que aconteceu com o Bruno, ele está vivo, sei onde está. Volte para o Brasil e agite a verdade. Impeça de Lorenzo ganhar novamente as eleições. Me chamo Marcel, eu vou para o Brasil em 2 semanas. Precisamos impedir essa reeleição! Me encontre no sábado a noite, contando daqui duas semanas, na boate *The island* no centro de São Paulo que te conto tudo com provas”. (*Pausa*). Disse isso e desapareceu



no meio daquela multidão. Eu tentei correr atrás dele, mas foi impossível. O tal do Marcel sumiu nas ruelas de Roma. *(Pausa)* E agora estou de volta, desesperado. Não pensei em outra coisa a não ser isso nos últimos dias. *(Pausa mais longa)* Fabrício, para mim fica cada vez mais claro que ele fugiu dessa família dele. Você sabe quem é a Eglatina e o Lorenzo Ferro. Lorenzo envolvido com todo esse esquema de igrejas evangélicas e a Eglatina por trás na articulação política. Eu permiti que eles me subornassem na época que tudo aconteceu para que nada saísse na imprensa sobre a sexualidade do Bruno, em respeito a memória dele! *(Pausa)* na minha cabeça ele havia se matado por causa disso, por causa do nosso relacionamento, por preconceito! O preconceito havia matado o Bruno! Eu me sinto culpado, entende?! *(Pausa)* imagina a repercussão nos eleitores religiosos do Lorenzo? Eu preciso saber de toda a verdade. O que vim te dizer é que preciso de ajuda para resolver isso. Eu vou encontrar esse tal de Marcel nessa boate como ele disse. Preciso da sua ajuda... você está comigo nessa?

**CENA 3.** *Dias depois. Mansão da família Ferro em São Paulo. Sala de estar. Eglatina e Lorenzo entram agitados.*

EGLANTINA *(Estressada)*: Eu sempre estive certa que esta história não daria certo!

LORENZO: Foi aquela bicha desgraçada do Vicente que está agitando isso!

EGLANTINA: Ele havia feito um trato conosco que jamais iria falar nunca nada dessa história. O silêncio dele custou um bom dinheiro. Agora do nada, no momento da campanha de reeleição, decidi trazer tudo à tona. Você não disse que poderíamos confiar, Lorenzo?

LORENZO *(desesperado)*: Fale mais baixo, vó, as paredes têm ouvido nessa época! *(Pausa)* foi o combinado três anos atrás e ele manteve até agora. Deve ter feito um outro acordo melhor com a oposição abortista! Agora do nada decidiu botar as asinhas de fora. Chamou a imprensa toda, entregou os comprovantes de depósito dos valores das nossas contas para a dele, vários depósitos que fizemos de 2 mil reais seguidos! Fotos dele e do Bruno. Isso vai afetar minha imagem, minha reeleição! *(Gritando)* se duvidar vai me jogar dentro da cadeia como fizeram com o ex presidente! Eu não quero ser preso!

EGLANTINA: Vai afetar em cheio! Já tem algum posicionamento da opinião popular, dos nossos eleitores? Como estão as redes sociais? Cadê o marqueteiro que não dá notícias faz horas? Será que tudo eu que tenho que fazer, incompetentes!

LORENZO: A mídia toda só fala nisso desde ontem quando foi o furo de reportagem: “Membro do clã Ferro tinha romance homossexual”, “Ex namorado da família Ferro recebeu suborno para manter segredo sobre o romance”. Sobre as redes sociais? Já vi nossos eleitores nos xingando nas redes sociais agora cedo. O movimento dos gays todos está em festa!

EGLANTINA: Meu senhor, o que não pode acontecer é isso virar uma bola de neve e outras coisas

virem à tona! Eu sou uma mulher de respeito, sou a avó do presidente da república e não posso envolver meu nome do suborno de romance de gay! Mas é isso que eles querem, que a gente perca a cabeça. *(Pausa)* Já entrou em contato com a Antonela?

LORENZO *(Irritado)*: Já está sabendo de todo esse carnaval.

*Uma secretária entra interrompendo.*

SECRETÁRIA: Dona Eglantina já preparei a sala para a senhora fazer uma *live* nas redes sociais para os eleitores do Lorenzo como havia pedido.

LORENZO: Eu não tenho condições agora, você sempre tem mais frieza que eu nesses momentos. Vai lá e acalme meus seguidores, eles só acreditam no que dizemos ainda, nossa sorte! *(Pausa)* Será um tiro no pé para a campanha. O Vicente entregou comprovantes de transferências bancárias, fotos íntimas! Mais um deslize e o nome da família afunda ainda mais e o planalto do governo já era de vez! E a vergonha internacional?

EGLANTINA: Deixa que eu farei a *live*. *(Para a secretaria)* providencia a tradutora de libras, vamos apelar. Não esqueça a minha bíblia também, em cima da mesa, como sempre *(Eglantina agradece a secretária e pede para ela retirar-se)*

LORENZO *(Reticente)*: Mas vó o que eles querem é esse tipo de exposição. Não podemos dar de bandeja o que querem!

EGLANTINA: Cadê sua coragem, Lorenzo? Não foi para ter medos que criei você depois da morte dos seus pais. Criei você para ser um homem de sucesso e corajoso: o presidente do Brasil como conseguiu. Se fosse para apoiar fracos teria apoiado as bobagens do seu irmão Bruno, mas foi você que fiz chegar a presidência desse país de condenados! Lembre-se do nosso slogan, meu querido: *Brasil para todos, todos pelo Brasil e Deus conosco*. O povo ainda está conosco! Sempre estarão. Somos a imagem que querem!

LORENZO *(angustiado)*: Toda essa situação me dá medo, vó.

EGLANTINA: Agora é enfrenta-la para sair com sucesso. O planalto é nosso, afirme isso para você sempre! Ninguém vai nos tirar de lá. Aquilo é nosso.

LORENZO: E como fazer isso depois do que o Vicente fez? É a pior crise política desde que assumi a presidência três anos atrás. Brasileiro perdoa roubo, mas não perdoa imagem moral maculada.

EGLANTINA: Negar tudo que o Vicente falou, Lorenzo. Quantas vezes esses anos todos acreditaram em nós. Você lembra daquela confusão do dinheiro desviado dos projetos, logo no primeiro ano do seu governo, que nós superamos e você não sofreu impeachment! Se precisar nós inventamos outra versão. Ou você acha que vou lá fazer a *live* e confirmar tudo o que esse cara está falando desde ontem. Cadê a sua frieza política, meu neto? Cadê o que te ensinei todos esses anos? Nossa família não teria conseguido tudo o que conseguimos, chegar onde chegamos na política brasileira se tivéssemos fraquejado, ficado com medo do primeiro acusador que estivesse em nossa frente. Derrubamos todos.



Todos! Estamos na presidência desse país! Chegamos até aqui e não será mais essa que irá nos amedrontar. Coragem para continuar, Lorenzo! O que nos espera a frente é mais poder!

LORENZO: Você está certa, vó. Você sempre muito forte, eu um fraco. Sempre tremi por tudo, mas você tomou as rédeas. Quem governou esse país esses três anos foi você!

EGLANTINA: Eu acredito no poder que essa família merece. É um destino dado por Deus! Deixe comigo que eu vou resolver esta situação da melhor forma possível. Eu cuido da comunicação com nossos eleitores e seguidores. O meu carisma, minha credibilidade de falar com eles é infalível, a credibilidade de uma senhora de família, gostam dessa minha imagem. Deixe comigo que revento tudo isso com nossos eleitores. Você junto com nossos advogados cuida para montar a defesa legal das acusações e abafar mais esse caso. E se precisar negociamos, ao nosso jeito novamente, com esse Vicente. Ele deve estar querendo mais dinheiro, é isso! Vamos tentar um encontro com esse Vicente novamente. Para conversarmos do mesmo jeito que conversamos no passado (*Lorenzo sai*).

**CENA 4.** *Dias depois. Apartamento de Vicente. Vicente e Fabrício estão arrasados.*

VICENTE: Assassinado!! Assassinado, Fabrício. O tal do Marcel foi assassinado dentro do “dark room” da boate “The island” a punhaladas! Eu não consegui nem encontrar com ele cheguei lá e a tragédia toda já tinha acontecido. Nunca vi algo assim. Morte a facadas dentro de uma boate! Até agora ninguém sabe quem foi. Mais de mil pessoas naquele lugar, ambiente escuro, música insuportavelmente alta, gente alucinada. A polícia está investigando o caso para ver a origem do tal do Marcel, procurando família fora do país e etc. A imprensa não fala de outra coisa. O Lorenzo e a Eglantina Ferro já estão nas mídias lamentando o acontecido e, claro, utilizando o fato politicamente: condenando as boates, chamando de lugares de violentos, contra a família jogando a comunidade LGBT na criminalidade. A população brasileira indo ao delírio!

FABRÍCIO (*Pasmo*): Eglantina e Lorenzo sabiam da existência desse tal de Marcel?

VICENTE (*indignado*): Ainda não dá para saber sobre, mas é de desconfiar, não é? É muita coincidência, Fabrício. A confusão toda que nós instalamos na última semana com a família Ferro, o que aconteceu comigo em Roma e esse rapaz, do nada, é assassinado. Faz só 24 horas do ocorrido e as pesquisas já mostraram aumento das intenções de votos para reeleição e Lorenzo permanece intacto no primeiro lugar nas pesquisas. Lorenzo falou na última *live* dele que a morte de um jovem como esse, vindo do primeiro mundo, em solo brasileiro é consequência da desestruturação da família, que o cidadão está inseguro no Brasil e aquela demagogia dele. Que gays são perigosos e se ele tivesse uma arma em mãos não teria morrido, teria se protegido!

FABRÍCIO: Vou entrar com uma denúncia e pedir investigação sobre a relação entre esse rapaz e a família Ferro. A única coisa que temos para ligar essa morte a eles é você contando a polícia o que





aconteceu em Roma com você. A Fontana de trevi é um lugar vigiado pela polícia italiana, os italianos devem ter câmeras de segurança que podemos solicitar para mostrar o momento do encontro de vocês. Mas isso vai demorar e não dar tempo de impedir a reeleição do Lorenzo, é daqui uma semana. (*Pausa longo, pensativa*). Há uma outra forma de chegarmos perto de algo: eu conheço o dono da The island. Ele pode nos ajudar antes mesmo da polícia. (*Pausa*) E se descobrirmos algo antes mesmo da polícia?

**CENA 5.** *Dias depois. Quarto de um hotel de luxo em São Paulo. A campainha toca. Fabrício abre a porta. Eglantina e Lorenzo entram assustados e camuflados. Vicente está em cena.*

EGLANTINA (*Apressada*): Acho interessante ser um bom motivo que você queira falar conosco, um motivo forte do tipo de parar com toda aquela conversa sobre seu passado com meu neto Bruno. Eu vim para esse tipo de negócio com você. Viemos para negociar.

LORENZO (*irritado*): Você não sabe a armação cinematográfica que tivemos que fazer para, as vésperas da eleição, conseguir vir até aqui para negociar com você de uma vez por todas. Dias tentando uma negociação.

VICENTE (*Incisivo*): Não há negócios com vocês. (*Pausa*) O que queremos é a verdade: por que vocês mandaram matar o Marcel naquela noite na boate?

LORENZO (*Espantado*): Que Marcel? Que boate?

FABRÍCIO: Marcel Dubrand, francês, jovem de vinte e cinco anos, estudante de literatura que foi brutalmente assassinado no último final de semana a punhaladas no “dark room” da boate “The Island”.

EGLANTINA (*Indignada*): Meus queridos, que brincadeira de mal gosto é essa? Você entra em contato conosco, com o presidente da república afastado para cumprir sua campanha de reeleição, e eu nos descolamos até aqui com a maior dificuldade de sigilo porque detestamos o nível de escândalo que você propõe para ouvir uma acusação de morte de alguém em uma boate gay! Se era para esse tipo de conversa e não um acordo de paz para que meu neto consiga para que se reeleger a presidência, e continuar sua missão de Deus em liderar o povo brasileiro tão necessitado, nós não vamos mais gastar nosso precioso tempo três dias antes do pleito. Vamos embora, Lorenzo. (*Eglantina e Lorenzo se encaminham a porta*).

VICENTE: Eu acho que antes vocês gostariam de ouvir o que uma pessoa tem a dizer...

*O Jorge, o Barman, entra. É um jovem vestindo uma camiseta regata, musculoso.*

VICENTE (*irônico*): Vocês conhecem esse homem?

LORENZO (*nervoso*): Nunca vi esse homem na minha frente. Já basta. Vamos...

VICENTE: É Jorge, o barman da boate “The island”. Segundo ele, foi contratado por cinquenta mil

reais por um assessor de vocês para matar o Marcel naquela noite.

JORGE (*sincero*): E foi isso sim. Fui procurado por um homem, que se apresentou com assessor de vocês, e fui levado a encontrar a senhora e o senhor aqui nesse quarto de um hotel granfino. A senhora foi bem clara: cinquenta mil reais para matar aquele moleque antes dele falar com o moço aqui (*aponta para Vicente*). E eu aceitei, já tinha feito uma vez de graça imagina agora com pagamento desses, dinheiro vindo das mãos do presidente da república, (*pausa, arrependido*) mas se soubesse que daria esse rolo todo não teria feito. Tinha que ser com faca, revolver não iria conseguir entrar na boate. Tinha o punhal que eu sempre levava para fazer meu show atrás do balcão do bar e foi com ele mesmo. Aproveite quando ele entrou no dark room, tudo escuro, ninguém ia desconfiar e foi lá que fiz o serviço. (*Para Vicente e Fabrício*) Só não me pergunte porque eles queriam fazer isso, perguntei e só falaram que o garoto lá estava atrapalhando os negócios do país. Veado, ne. Veado está incomodando muito no país, então era isso: era apagar o veado que estava atrapalhando o presidente.

EGLANTINA (*Gritando, nervosa*): Mentira! Eu nunca vi esse homem na minha frente. Espero que você esteja ciente do que está fazendo, rapaz. Vamos acabar com sua raça judicialmente! Somos a família que comanda essa país! Somos autoridades!

FABRÍCIO: Temos toda certeza, dona Eglantina, do acontecido. O rapaz aí é namorado do dono da boate, um amigo meu. Ia fugir com o dinheiro que vocês deram a ele, mas antes de fugir, caiu no desespero do sentimento de culpa, arrependimento, e contou ao meu amigo. Foi no exato momento que procurei meu amigo e fiquei sabendo de tudo. Uma ligação entre a família mais importante do país com um assassinato. O que me impressiona é o amadorismo de vocês... amadorismo não: certeza de que nada iria acontecer, que continuariam a enganar a nação.

LORENZO (*nervoso*): Isso é uma acusação infundada e espero que você não use de “fake news” para tentar mais uma vez atrapalhar a eleição que está a mim destinada por Deus a ganhar novamente.

VICENTE: E agora família Ferro, o que nos dizem? O que vocês têm a nos explicar sobre tudo isso? Desistem das eleições ou nós faremos vocês desistirem entregando tudo isso a polícia. (*Pausa*) Por que vocês tinham interesse em matar o Marcel? Qual a ligação de vocês com esse rapaz? É a única coisa que ainda não encaixa.

EGLANTINA: Não existe ligação nenhuma! Vamos embora!

*Eglantina abre a porta e Antonela está parada com dois policiais. Antonela entra junto com um policial. Outros policiais e delegado de polícia entram vindo de outros cômodos do apartamento, estavam realizando uma escuta.*

EGLANTINA (*Assustada*): Antonela!

LORENZO (*Desesperado*): O que você faz aqui? Quem te trouxe aqui? O que é isso? Que inferno!

POLICIAL ALBERTO: Boa tarde todos. (*Para o delegado que comanda a escuta*) Doutor nós viemos sem avisar, mas essa senhora chegou na delegacia contando uma história que acho que interessa



bastante a vocês.

VICENTE (*pasmo*): Quem é essa mulher? Não era o combinado Delegado. Nós havíamos combinado que conseguiríamos a confissão dos Ferros, montamos uma escuta aqui no apartamento para conseguirmos essa confissão.

ANTONELA (*com a voz embargada*): Eu acho que você não consegue mais me reconhecer e com razão, Vicente.

VICENTE: Do que você está falando?

ANTONELA: Hoje sou Antonela. (*Pausa*) Minha verdadeira identidade que sempre busquei, mas no passado eu era o Bruno. O seu ex namorado Bruno.

VICENTE (*Pasmo, aterrorizado*): O que? Que loucura é essa, delegado?

EGLANTINA (*Desesperada*): Antonela não! Por favor, não!

LORENZO (*Berrando autoritário*): Você nos prometeu!

ANTONELA: Eu prometi desde que não tivesse nenhuma morte envolvida. Que nunca ninguém morresse por isso. Vocês descumpriram quando mataram meu amigo Marcel.

POLICIAL ALBERTO: Escutem o que ela tem a contar. Ela chegou essa manhã na delegacia de polícia. Contou toda a história. Nós sabíamos que vocês estariam aqui, nessa operação e achamos que essa história poderia ser resolvida de uma vez por todas ainda hoje.

FABRÍCIO: Não estou entendendo nada. Como assim? (*Pausa*) você é o Bruno?

ANTONELA: Não sou mais o Bruno. Eu sou Antonela. Bruno viveu em mim por alguns anos, mas não era eu. Foram anos para assumir que ele era apenas uma figura criada pela minha família. Sempre fui uma mulher dentro de mim. (*Pausa, choro*) Já não aguentava mais viver na pele de um homem, eu já não aguentava mais...

VICENTE (*pasmo*): Eu não estou acreditando nisso...

ANTONELA: Eu não consegui contar a você, Vicente... eu só queria ser eu. Já estava insuportável viver uma relação homossexual com toda pressão da minha avó e do meu irmão por conta de religião e política. Eu jamais poderia viver quem eu era nessas condições. Quando contei sobre nós para minha família, também contei tudo sobre quem eu era de verdade, o que eu queria para mim. Eu não aguentava mais. Foi então que a ideia veio da minha avó que se eu quisesse viver dessa maneira eu deveria viver longe, bem longe daqui, desaparecer para não atrapalhar a candidatura do Lorenzo, a vida deles. Eu aceitei, era isso para mim ou era a morte. Não tinha outra escolha.

EGLANTINA: Mentira! É mentira!

ANTONELA: É verdade! Olha para mim, vó! E foi assim que aconteceu. Enquanto meu irmão cuidava de aumentar ainda mais a popularidade para candidatar-se ao primeiro mandato da presidência da República, minha avó cuidou de arrumar passaporte falso, toda a estrutura para eu fugir para a Tailândia primeiro e depois para a Itália. Toda aquela coisa que acidente com a lancha da família



foi um grande circo que custou uma verdadeira fortuna, encontrar um corpo para ser encontrado em decomposição e para depois para ser enterrado no meu lugar, para que enquanto as atenções estavam voltadas para isso eu conseguiria fugir do país sem levantar suspeitas...

VICENTE: Eu era seu namorado... você poderia ter confiado em mim...

ANTONELA: Eu não conseguia, Vicente. Eu sabia que se eu falasse para você o que eu realmente desejava você não entenderia. É muito fácil falar agora sobre isso, que aceitaria, mas no fundo você não me aceitaria como uma mulher trans.

VICENTE: Você não levou em consideração meu amor por você. Que todo o meu amor poderia superar qualquer situação.

ANTONELA: O meu amor por mim era maior, Vicente.

VICENTE: Ao ponto de aceitar cometer vários crimes.

ANTONELA: Você aceitou suborno para manter-se calado sobre o nosso relacionamento no passado. Quando eu soube disso eu tive a certeza que eu havia feito a coisa certa. Você me apagou da sua vida por dinheiro.

VICENTE: Eu estava abalado, chorando a sua morte, me sentindo culpado porque eu tinha algo com você que havia te feito sofrer tanto a ponto de você ter se matado, eu estava sentindo falta do homem que eu amava...

ANTONELA (*interrompendo, incisiva*): Exato! Do homem, mas eu não era homem, Vicente. Eu sempre fui a Antonela. O homem que você amou realmente morreu naquela noite, desapareceu no mar para sempre.

LORENZO: Por que você nos traiu, Antonela? Nós ajudamos você a viver esse seu sonho, tinha todo conforto, apartamento em Roma, melhores médicos do mundo, dinheiro, muito todo mês!

ANTONELA: Não Lorenzo, meu irmão, foi você e a vó Eglantina que me traíram. Vocês mataram meu único amigo... eu fiquei esses anos todos sozinha naquela cidade, o Marcel era o único que eu confiava, que eu podia contar e conversar. Vocês nunca tiveram coragem de ir me visitar, apenas telefonemas esparsos e pedidos para eu continuar em silêncio. Tudo muito sigiloso para a nação desconfiar. Eu era na verdade, uma pasta de documentos de vocês que tinha que manter à distância, um arquivo que precisava ser calado!

EGLANTINA (*Irritada*): O amigo que tanto você confiava veio me chantagear, ameaçou abrir a boca!

LORENZO: Nos procurou, disse que contaria toda a verdade para a imprensa e para quem estivesse interessado. Disse que derrubaria a nação com sua história! Disse que havia até procurado o Vicente para contar tudo. (*Gritando*) eu não podia deixar a nação ruir! Nós ficamos encurralados para te proteger!

ANTONELA: O Marcel era o único que presenciava o que era meu sofrimento em Roma. Sozinha, desamparada emocionalmente. Foi ele que muitas vezes me levou a hospital quando eu me entupia de



remédios, quando eu chorava sozinha no inverno, quando tentei me matar... na certa ele não suportou me ver daquela maneira e decidiu acabar com tudo. Para mim é um alívio que essa história toda tenha acabado, eu já não aguentava mais.

EGLANTINA: Nós te demos de tudo, passamos por cima dos nossos valores para ajudar você a ficar assim e agora você volta em um momento importante para nós para nos derruba. Você não valoriza nosso amor?

ANTONELA: Vocês não me ajudaram, eu sou como um arquivo vivo depositado em um quarto escuro e esquecido para que vocês vivessem o poder por aqui. Agora o arquivo está aberto...

DELEGADO OLAVO: Aberto e cheio de complicações. A senhora dona Eglantina e o senhor, senhor Presidente Lorenzo Ferro, terão muitas coisas para explicar a polícia e principalmente a nação. Por favor, me acompanhem até a delegacia.

EGLANTINA: Você é um ingrato, Bruno...

ANTONELA: Já pedi para não me chamar mais de Bruno, eu sou Antonela!

EGLANTINA: Eu jamais vou esquecer isso... esse país vai acabar com essa história.

*Eglantina sai levada por policiais.*

LORENZO (*desolado*): Isso vai implodir a nação... a imprensa já está sabendo?

DELEGADO OLAVO: Não, mas isso não vai demorar muito para acontecer. Já há uma desconfiança no ar de algo que está acontecendo. Como ninguém mais sabe o que é verdade ou mentira nas notícias que circulam na nação, estamos atolados num mar de notícias falsas, vai demorar um pouco mais que o normal.

LORENZO: Vocês não têm consciência das consequências que tudo isso trará a esse país? Quanto de miséria e fome pode gerar? Eu estava lutando para transformar de uma vez por todas esse país, trazer moralidade, resgatar os valores da família. O que será desse povo com tudo isso?

FABRÍCIO: O povo não merece mais vocês, essa é a verdade que não circula ainda nas mídias sociais que vocês manipulam. Vocês mentiram do início ao fim disso. A verdade caminha lenta e com dificuldades, mas ela sempre chega ao seu destino.

*Lorenzo sai levado por polícia.*

DELEGADO OLAVO: A senhora também está enrolada, dona Antonela. Forjou a própria morte, fugiu do país sob identidade falsa, está bem complicada também.

ANTONELA: Eu entendo, delegado. Foi para isso que voltei: para ter paz de uma vez por todas. De uma forma ou de outra ajudei o Lorenzo a ganhar a eleição passada e queria voltar e eu dar um fim nisso tudo. Infelizmente foi dessa maneira triste. Eu só gostaria de antes de ir ficar algum tempo por aqui: gostaria de conversar com o Vicente por alguns minutos se me permitem.

*O delegado Rodrigo acena positivamente e todos saem. Vicente e Antonela ficam sozinhos.*

ANTONELA: ninguém jamais nesse país irá nos perdoar por isso. Minha família entrará para a histó-

ria atolada em lama. Já passo a sentir o ódio de milhões de brasileiros e com razão. (*Pausa, melancólica*) Quero que você saiba que eu senti muito sua falta esse tempo todo. O Marcel era a maior prova disso. Ele me contou que procurou você em Roma. Estava obcecado por toda essa história, investigou muito sobre sua vida e descobriu, não sei como, que você estaria lá e seguiu você por todo tempo na viagem até abordá-lo. Esse era o Marcel. Eu não impedi nada, na verdade eu queria que tudo isso acabasse logo. Estava desesperador ver o que Lorenzo e a Eglantina estavam fazendo com milhões de pessoas por aqui e eu não podia fazer nada. Eu ficava consumida a cada dia, me sentindo culpada por estar participando disso tudo. Eu queria voltar e acabar com toda essa farsa. Eu tinha esse poder, mas não conseguia.

VICENTE: Você foi cúmplice disso tudo.... Antonela. Você não pensou nas consequências, eles usaram tudo para enganar milhões de pessoas, usaram você para roubar dinheiro, roubar a confiança do povo... você tem ideia de desde a eleição do seu irmão não se tem paz nesse país? Instabilidade atrás de instabilidade.

ANTONELA: Vicente e eu não estava lá curtindo a vida. Eu sofri e ainda sofro muito por tudo isso. Quando tomei coragem, depois de ver o que eram capazes de fazer, eu decidi voltar. O Marcel se apressou na minha frente e olha o que aconteceu. Se a questão da sexualidade já era tão complicada para minha família, imagina a eu ser trans? O Lorenzo perderia milhões de votos.

VICENTE: O que não se faz em política nesse país? (*Pausa*) agora é um pouco tarde. Muito morreram esses anos todos pelas ruas, graças o ódio que seu irmão destilou nos discursos. A morte do seu amigo Marcel é apenas a ponta do iceberg do que tem acontecido a população por aqui. Essas mortes estão na sua conta também. (*Pausa*) acho que não temos nada para conversar mais... Antonela. O Bruno morreu no mar. Não se engane, você tem muito mais do Lorenzo do que pode imaginar. (*Vicente sai*).

ANTONELA: Acredite, não foi o Bruno que voltou para lutar. É a Antonela, uma nova pessoa nessa jogada, que surgiu na luta. Meu corpo é minha história, meu arquivo, e estou disposta a abri-lo para a queda dessa nação. A revolução será pelos costumes.

**CENA 6.** *Dias depois. O escândalo envolvendo a família Ferro explode pela nação via reportagem-testemunho de Vicente em seu site de notícias. Vicente faz um vídeo para falar sobre o escândalo da família Ferro.*

VICENTE: Eu estava presente. Lorenzo e Eglantina Ferro confessaram que estão envolvidos na morte de um jovem cidadão francês chamado Marcel dentro de uma boate na cidade de São Paulo. Tudo para eliminar uma testemunha de um crime ainda mais perverso que cometeram no passado quando simularam a morte de outro ente da família para escondê-lo na Itália para evitar conviver e explicações sobre a transexualidade de Antonela. A polícia já liberou Lorenzo e Eglantina com a desculpa

---

de que não há provas suficientes. Naquele dia havia uma escuta e eu era testemunha. A escuta sumiu misteriosamente, mas eu continuo aqui como a prova viva da farsa que é a família Ferro, criminosos e assassinos, que querem continuar no poder desse país.

**CENA 7.** *Avenida Paulista da cidade de São Paulo.*

Uma multidão vestindo verde amarelo em um protesto em defesa de Lorenzo Ferro entoando palavras de ordem: “Lorenzo inocente!”, “Lorenzo presidente já”, “Cadeia para Vicente!”, “Morte para Vicente!”, “Fora Vicente!”, “Prisão para Vicente!”, “Delegado Olavo para Ministro da Justiça!”, “Super Delegado Olavo!”.

**CENA 8.** *Mansão da família Ferro.*

É um vídeo de *live*. Eglantina Ferro está sentada em uma cadeira de cabelereiro. Um cabelereiro corta, penteia seus cabelos enquanto ela segura o celular para transmissão do vídeo.

EGLANTINA: Cancelamos uma reunião com o Ministro da França, pois não dialogamos com esquerdistas defensores dos gays e contra a família brasileira. Não concordamos com as charges que a imprensa francesa fez da nossa família. O Bruno virou Antonela porque quis e nem sabíamos disso. Não temos nada com isso. Nosso lado é Deus e a família. Meu neto vai ganhar as eleições, vai se reeleger à presidência do Brasil novamente para continuar o plano de Deus dele. Já estamos contando como ministro da Justiça, nosso parceirão, o delegado de polícia Olavo que já aceitou o convite. Não aceitamos as *fake News* que estão rodando por aí que o delegado Olavo também estava envolvido nas gravações do suposto dia que confessamos crimes como diz o jornalista gay Vicente. Veja só se um homem do poder do delegado Olavo estaria envolvido nisso? *Fake News!* Acreditem em nós. (*com ênfase*) O que podemos fazer se o tal do barman que matou o gay francês na boate, por conta de dívida de droga como o delegado Olavo descobriu, foi encontrado morto? Se matou! O que podemos fazer que esse rapaz assassino e do submundo se matou? Não temos nada com isso (*pausa*). O que podemos fazer se Bruno, Antonela, sei como como devo chamar, fugiu? Ninguém sabe onde foi parar. Dizem as más línguas que voltou para a Itália com a ajuda do Vicente e do amigo dele lá o tal Fabrício. Ah, o tal Fabrício que também está com assuntos para serem explicados a polícia: que movimentação estranha, suspeitíssima, de dois milhões na conta dele, não é mesmo? Esquerda nojenta! Todos enrolados com a polícia. E nós aqui honestos, querendo salvar o país. Nós estamos com vocês, estamos do lado da família e de Deus por um Brasil ainda melhor. Que Deus abençoe essa nação! (*termina o vídeo*).

---

**CENA 9.** *Dias depois. Avenida Paulista na cidade de São Paulo. Milhares de pessoas vestindo verde a amarelo, com faixas na cabeça escritas “Lorenzo Ferro”, “Delegado Olavo”, “Eglantina Ferro”. É o anúncio da vitória e reeleição de Lorenzo à presidência da República. Há gritos de alegria em massa, fogos de artifício e cantos do hino nacional pelas pessoas. Outras fazem sinal da cruz com as mãos, outras sinal de arma em apoio a eleição de Lorenzo. Outras rezam e clamam por “Jesus” emocionadas.*

**CENA 10.** *Um telão. Imagens das paisagens do Rio de Janeiro. Voz de Lorenzo ao fundo, como num discurso, “Brasil aberto para turista vir transar com nossas mulheres!”. A cena corta para uma rua do centro do Rio de Janeiro. Vicente sai de um prédio que dava palestra naquela noite e entra em um carro. Segundos depois aparece outro carro e dispara vários tiros com uma submetralhadora. Vicente cai morto e o carro sai em disparada. Uma multidão de pessoas chega e aglomera-se. Ao fundo toca um samba. O pano cai. Ao fundo, enquanto toca o samba, a voz de um repórter de TV. “Já faz um ano que o jornalista Vicente foi assassinado e a polícia não tem o nome de nenhum suspeito”.*

